

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

GUI CUSTÓDIO/DIVULGAÇÃO/JC



Bienal ganha espaço de arte no Instituto Caldeira

Amanda Flora
amandaf@jcrs.com.br

Por décadas, a Bienal do Mercosul ocupou diferentes lugares de Porto Alegre. A cada edição uma temática instiga a população a explorar, por tempo determinado, o que os artistas querem contar sobre aquele tema, deixando um rastro de memórias na paisagem cultural da cidade. Agora, pela primeira vez em 30 anos, a Fundação passa a ter um endereço fixo. A partir desta semana, a instituição dá à cidade sua galeria experimental dentro do Instituto Caldeira, no prédio Guahyba (Frederico Mentz, 1.606) - uma antiga fábrica de 1901.

O novo espaço ocupa cerca de 300 metros quadrados do térreo do prédio, com pé-direito alto, paredes originais de tijolo aparente e infraestrutura preparada para receber obras multimídia, projeções de grande escala e instalações imersivas. O projeto arquitetônico foi desenvolvido em diálogo com a equipe do Instituto Caldeira para preservar a memória da antiga fábrica e, ao mesmo tempo, permitir que a galeria funcione como um

espaço de criação.

A chegada da Bienal ao Caldeira não só marca a abertura de mais um espaço cultural na Capital, como também o anúncio de um desejo antigo: transformar a Bienal em uma presença permanente nos 365 dias e não apenas um evento bianual. “É a realização de um sonho de 30 anos: uma Bienal viva todos os dias”, afirma Maria Fernanda Santin, copresidente da Fundação, durante o evento inaugural. A parceria com o Caldeira também inclui, futuramente, a transferência da sede administrativa da Fundação para o mesmo prédio.

O público encontra, logo na entrada, uma instalação que funciona como um túnel do tempo. Em duas salas escuras, cartazes são projetados em grande escala. Cada um deles conta, visualmente, as 14 edições já realizadas da Bienal do Mercosul. É um gesto que transforma o acervo gráfico da instituição em experiência imersiva e interativa, com exposições que se fundem do chão ao teto do espaço.

As projeções utilizam tecnolo-

gia de mapeamento digital, operada por sensores de movimento que reagem ao deslocamento do visitante. “É uma exposição que revisita os 30 anos da Fundação Bienal. A tendência é que as próximas mostras também explorem tecnologias emergentes, porque esta é a vocação do lugar”, explica Santin. A exposição é um protótipo e segue até sexta-feira. Depois, após curadoria, iniciam as exposições de fato. O horário de visitação é o mesmo do Caldeira: segunda a sexta, das 7h30min às 21h e sábado das 8h às 18h.

A galeria nasce com liberdade curatorial e caráter experimental. Não está subordinada à grande Bienal marcada para 2028 e deve receber projetos autorais, residências artísticas e trabalhos em parceria com outras instituições. Segundo a curadora convidada para a abertura, Laura Cattani, o objetivo é que o espaço funcione como um “campo de testes” para artistas contemporâneos. “É um ambiente que permite errar, prototipar, reinventar. A Bienal passa a ser um organismo que respira o ano inteiro”, diz.



Assinatura do termo foi realizada em cerimônia nesta segunda-feira

Na abertura, o diretor executivo do Instituto Caldeira, Pedro Valério, falou sobre a parceria e sobre a arte cumprir um papel que o discurso tecnológico muitas vezes ignora. “Um erro clássico é achar que inovação é tecnologia. Inovação é repertório, imaginação, linguagem. Sem arte e cultura, não há espaço para inovação. Ter a Bienal aqui significa agregar memória e futuro ao mesmo tempo”, disse em seu discurso.

Além da galeria, o espaço recebe a biblioteca da Fundação Bienal, organizada e montada dias antes da abertura, com mais de 5 mil livros de arte contemporânea. É a primeira vez que o acervo fica disponível em um espaço de acesso amplo. A biblioteca conta com área de leitura, mesas coletivas e sistema de catalogação digital. “Trazemos todo o acervo para cá, para que a comunidade tenha acesso”, diz Santin. O gesto reforça o objetivo de fortalecer Porto Alegre como polo da economia criativa, setor hoje que emprega quase seis milhões de pessoas no Brasil e movimenta cerca de R\$ 390 bilhões, equivalente a 3% do

PIB nacional.

Entre oficinas, visitas mediadas e ações formativas, a Bienal pretende aprofundar uma vocação construída ao longo de suas quase três décadas. Mais de 1,2 milhão de estudantes já participaram de suas atividades educativas desde 1997. Com o novo espaço, a instituição projeta um calendário de atividades ao longo de todo o ano, incluindo uma nova trilha artística integrada ao Programa Geração Caldeira. “Queremos contribuir diretamente para o desenvolvimento socioemocional, para a imaginação e para o olhar cidadão das próximas gerações”, afirmou o copresidente Márcio Carvalho.

Carvalho descreveu a inauguração como um “encontro entre utopia e realização”. Segundo ele, a ideia de uma galeria permanente começou há poucos meses, em conversas informais, e só se concretizou pela convergência entre Fundação, Caldeira e apoiadores. “Há três meses era apenas uma ideia. Hoje já é espaço, projeto e convite aberto.”